



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA  
(ILAESP)**

**FILOSOFIA – LICENCIATURA**

**MARIÁTEGUI E O SOCIALISMO INDO-AMERICANO  
REFLEXÕES SOBRE MARXISMO E ANTICOLONIALISMO NA AMÉRICA LATINA**

**LORENA FIDELIX FREITAS ARAUJO**

Foz do Iguaçu  
2024

**MARIÁTEGUI E O SOCIALISMO INDO-AMERICANO**  
**REFLEXÕES SOBRE MARXISMO E ANTICOLONIALISMO NA AMÉRICA LATINA**

**LORENA FIDELIX FREITAS ARAUJO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Filosofia

Orientador: Prof. Doutor Johnny Octavio Obando Moran

Coorientadora: Prof. Doutora María Luz Mejias Herrera

Foz do Iguaçu  
2024

LORENA FIDELIX FREITAS ARAUJO

**MARIÁTEGUI E O SOCIALISMO INDO-AMERICANO**  
REFLEXÕES SOBRE MARXISMO E ANTICOLONIALISMO NA AMÉRICA LATINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Filosofia

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Doutor Johnny Octavio Obando Moran  
(UNILA)

---

Coorientadora: Prof. Doutora María Luz Mejias Herrera  
(UCLV)

---

Prof. Doutora Idete Teles dos Santos  
(UNILA)

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Dedico este trabalho às minhas doces e pequenas Laura e Luísa, que, acima de tudo, me inspiram a sonhar e acreditar na utopia e na construção de uma realidade menos morta. Vocês, mesmo ainda tão pequenas, significam toda a grandeza de quem eu sou.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer imensamente, em primeiro lugar, aos meus pais, Lidiane e Rafael, que são exemplos de boas pessoas e trabalhadores dos quais um dia espero ser metade. Antes mesmo de eu ter acesso às teorias políticas e acadêmicas, vocês me ensinaram os princípios da honestidade e da solidariedade. Talvez eu não agradeça o suficiente, mas sem vocês, realmente, este trabalho jamais seria possível.

Às minhas queridas irmãs Laura e Luísa, vocês são a luz que iluminou a minha vida. Vejo nos olhos e nos sorrisos de vocês a esperança de um amanhã cheio de vida e felicidade. E ao meu irmão mais novo, Leonardo, que à sua maneira sempre me protegeu e compartilhou comigo boas lembranças da nossa infância.

Não posso deixar de agradecer de maneira especial ao meu avô Brasil e à minha avó Vera Lúcia, que foram também meus pais e me criaram com muito amor e carinho. Com vocês, pude ser quem eu realmente sou e fui aceita. A contribuição de vocês para a minha identidade é crucial e nunca será apagada. Agradeço do fundo do meu coração por tudo e pelo apoio infinito, inclusive financeiramente, para mim e para a minha família. Sem vocês, este trabalho nunca teria existido. Obrigada por fazerem parte de mim.

Toda a minha família merece menção aqui. Cada um de vocês faz parte da minha história e de quem eu sou. À minha madrinha Valéria e meu tio Josué que me deram amparo e apoio sempre que precisei. Vocês foram parte da minha jornada acadêmica e desta experiência em Foz do Iguaçu. À minha prima Thaís, meu primo Matheus e meu amigo quase primo Bruno Iglesias, pessoas especiais na minha vida. À minha tia Vanusa Ferreira, com quem me identifico profundamente e que é uma das minhas maiores apoiadoras. Vocês são excepcionais, e agradeço por tudo.

Sou grata também à família mais que especial que escolhi. Sem capacidade de mensurar o amor e o agradecimento à minha companheira Maria Clara que é o fruto mais doce e sincero que a terra já conheceu. Sem ela, com certeza eu não teria tanta motivação e determinação para construir este trabalho e concluir esta graduação. Agradeço muito pela sua paciência, generosidade e apoio imensurável. Em todos os momentos em que precisei estar distante devido a este curso, e em todas as vezes que choramos juntas, você apagou toda a saudade e o sofrimento, me deixando menos ansiosa e mais corajosa. Você é a mulher da minha vida.

Não posso deixar de agradecer e mencionar a maravilhosa família que a Maria Clara me deu. Sua irmã e minha amiga querida, Ana Carolina, seus pais Marcos e

Elenita, pessoas de índole exemplar que explicam por que você é tão especial. Seus tios Paulo, Antônio, Marcelino, suas tias Marisa, Gislene e, especialmente, sua avó dona Armerinda, que me olhou com tanto carinho e junto de todos me recebeu e me valorizou. E não menos especiais os amores Chico, Bento e Pérola. Cada um de vocês me faz compreender a vida em toda a sua beleza e coletividade. É uma honra fazer parte de suas vidas.

Meus queridos amigos de longa data, alguns dos quais já perdi a conta dos anos, Thiago Pelichek, Tiago Marcon, amigos queridos com os quais compartilhei excelentes momentos na vida escolar e pessoal. Nenhuma distância apaga o que construímos, e sou muito grata a vocês e às suas famílias, das quais me considero parte. Maria Clara Laudino, Isadora Pelichek, Letícia Nemeth, Ana Beatriz, Bia Gurrees pessoas em quem sempre pude contar e que nunca deixaram de influenciar quem eu sou. Agradeço a vocês.

Meus queridos Vitória, Lara, Beatriz Amanda, Rafael Júlio, Matheus Biasoto e todo o porão do RBD 21h50, vocês estão gravados no meu corpo e no meu coração. Sem vocês, igualmente, eu não teria conseguido concluir esta graduação. Obrigada por nunca me esquecerem e por sempre me incluírem em suas vidas. Com vocês, aprendi muito sobre perdão e reconhecimento mútuo.

Aos amigos que o curso de Filosofia me trouxe, querido Durity Rosa e sua esposa Vanessa, Giovanna Vitória e Lucas Romano, que estiveram mais próximos e duradouramente ao meu lado nessa longa e desafiadora jornada, compartilhando angústias e alegrias. Sem vocês, tudo seria menos divertido.

Também aos queridos Lucas Azevedo, Matheus de Paula, Cris, Rodrigo Lenharo, Bruna Medeiros, Renata, Guilherme Borges, Albina, Erika, Grazi, Thiago José e todos os outros que, de uma forma ou de outra, estiveram presentes e contribuíram para que este trabalho fosse possível. Cada um à sua maneira moldou quem eu sou e me acolheu na cidade e na universidade. É uma honra tê-los como colegas de profissão. Vocês fazem da filosofia e do ensino da filosofia o que ela é.

Jamais poderia deixar de mencionar o excepcional professor e orientador Johnny Octávio, assim como minha coorientadora María Luz Mejías Herrera, que prontamente aceitaram orientar este trabalho e acreditaram nas minhas ideias com grande confiança. Agradeço também à professora Idete Teles dos Santos, que me beneficiou ao participar da banca e que, durante os estágios e todo o curso, foi alvo da minha admiração e agora da minha gratidão.

São excelentes professores e pessoas admiráveis que contribuem enormemente para o pensamento e a filosofia latino-americana. Eles fazem parte da pensadora que estou me tornando. Obrigada.

Agradeço a todos do curso de Filosofia da UNILA, em especial aos professores Patrícia Nakayama, Rogério Gimenes, Gonzalo Montenegro e, particularmente, ao professor Tito Alencar pela força como coordenador nesta etapa final. Estes professores foram essenciais na minha formação e se tornaram grandes amigos, cuja lembrança sempre mantereí. Agradeço também à professora Juliana Passini, Juliana Franzi e Márcia Cossetin, verdadeiros exemplos de competência e dedicação ao ensino, que tanto admiro. Sou grata por ter tido a sorte de apreciar o trabalho que desenvolvem como docentes.

A todos os técnicos do ILAESP e trabalhadores que tornam a Universidade possível e que me ajudaram durante meu tempo na UNILA.

Cada um de vocês é especial. Se esqueci de mencionar alguém pelo nome, é porque senão passaria horas e horas aqui. Mas saibam que, se passaram pela minha vida, dentro ou fora da graduação, ofereço-lhes toda a minha gratidão e reconhecimento. A lição final que jamais esqueceré é que nada na vida se faz sozinho.

Obrigada. Contem sempre comigo.

Pero el hombre, como la filosofía lo define, es un animal metafísico. No se vive fecundamente sin una concepción metafísica de la vida. El mito mueve al hombre en la historia. Sin un mito la existencia del hombre no tiene ningún sentido histórico. La historia la hacen los hombres poseídos e iluminados por una creencia superior, por una esperanza super-humana; los demás hombres son el coro anónimo del drama.

**Mariátegui, José Carlos. El hombre y el mito. 7. ed. Lima: Empresa Editora Amauta, 1970. p. 171.**





### ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) dia(s) **14** do mês de Outubro do ano de **2024** realizou-se a apresentação pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado **MARIÁTEGUI E O SOCIALISMO INDO-AMERICANO. REFLEXÕES SOBRE MARXISMO E ANTICOLONIALISMO NA AMÉRICA LATINA -----** apresentado pelo discente **LORENA FIDELIX FREITAS ARAUJO**, do curso **Filosofia**. Os trabalhos foram iniciados às 15 h 00, pelo(a) docente orientador(a) **johnny octavio obando moran** presidente da banca examinadora, com o(a) docente Dra **María Luz Mejías Herrera [Coorientadora]**, e o(a) docente **Dra Idete Telles dos Santos**

#### Observações da Banca Examinadora:

Feita a exposição da estudante Lorena Fidelix Freitas Araujo, a Banca de Professores encontra o Trabalho da expositora de boa qualidade intelectual, no modo reflexivo como no modo argumentativo, e recomenda sua publicação, para o qual solicita à expositora uma revisão geral na parte formal e ortográfica para tal fim.

A Banca Examinadora, ao término da apresentação oral e da arguição do acadêmico, encerrou os trabalhos às 17h\_00. Os examinadores atribuíram as seguintes notas:

orientador(a)	nota final:	Média final: 10
docente	nota final:	
docente	nota final:	

Proclamado o resultado pelo presidente da banca examinadora, encerraram-se os trabalhos e, para constar, eu **johnny octavio obando moran** lavrei a presente Ata que assino juntamente com os demais membros da banca.

Foz do Iguaçu, 14 de out de 2024. Assinaturas:

## RESUMO

O trabalho *Mariátegui e o Socialismo Indo-Americano: Reflexões sobre Marxismo e Anticolonialismo na América Latina* explora a ilusão de independência dos países latino-americanos, revelando uma persistente dependência econômica e social disfarçada por discursos de autonomia. A pesquisa analisa como a opressão capitalista se manifesta de maneira desigual entre as periferias e os centros do capitalismo, questionando a legitimidade da independência frente às condições precárias enfrentadas por muitos. O estudo critica a falsa liberdade promovida pela democracia liberal, que desconsidera a superexploração dos trabalhadores e a concentração de riqueza. Propõe uma transformação radical das estruturas sociais e econômicas, destacando o pensamento de José Carlos Mariátegui como uma referência essencial para a articulação das lutas sociais e a superação da dependência. O trabalho defende que a verdade deve ser entendida como um processo factual, não apenas representativo, desafiando a visão pós-moderna que distorce conceitos fundamentais. O objetivo é estimular a reflexão sobre uma verdadeira independência e a superação do capitalismo, promovendo uma análise crítica que busca aprofundar a compreensão sobre o tema.

**Palavras-chave:** socialismo indo-americano; marxismo; anticolonialismo; Mariátegui; democracia liberal.

## RESUMEN

El trabajo *Mariátegui y el Socialismo Indoamericano: Reflexiones sobre Marxismo y Anticolonialismo en América Latina* explora la ilusión de independencia de los países latinoamericanos, revelando una persistente dependencia económica y social disfrazada por discursos de autonomía. La investigación analiza cómo la opresión capitalista se manifiesta de manera desigual entre las periferias y los centros del capitalismo, cuestionando la legitimidad de la independencia frente a las precarias condiciones que enfrentan muchos. El estudio critica la falsa libertad promovida por la democracia liberal, que desconsidera la superexplotación de los trabajadores y la concentración de riqueza. Propone una transformación radical de las estructuras sociales y económicas, destacando el pensamiento de José Carlos Mariátegui como una referencia esencial para la articulación de las luchas sociales y la superación de la dependencia. El trabajo defiende que la verdad debe ser entendida como un proceso factual, no solo representativo, desafiando la visión posmoderna que distorsiona conceptos fundamentales. El objetivo es estimular la reflexión sobre una verdadera independencia y la superación del capitalismo, promoviendo un análisis crítico que busca profundizar la comprensión sobre el tema.

**Palabras clave:** socialismo indoamericano; marxismo; anticolonialismo; Mariátegui; democracia liberal.

## ABSTRACT

The paper *Mariátegui and Indo-American Socialism: Reflections on Marxism and Anticolonialism in Latin America* explores the illusion of independence in Latin American countries, revealing a persistent economic and social dependence disguised by discourses of autonomy. The research analyzes how capitalist oppression manifests unevenly between the peripheries and the centers of capitalism, questioning the legitimacy of independence in light of the precarious conditions faced by many. The study critiques the false freedom promoted by liberal democracy, which overlooks the super-exploitation of workers and the concentration of wealth. It proposes a radical transformation of social and economic structures, highlighting José Carlos Mariátegui's thought as an essential reference for articulating social struggles and overcoming dependence. The paper argues that truth should be understood as a factual process, not merely representative, challenging the postmodern view that distorts fundamental concepts. The objective is to stimulate reflection on genuine independence and the overcoming of capitalism, promoting a critical analysis that seeks to deepen understanding of the topic.

**Key words:** indo-american socialism; marxism; anticolonialism; Mariátegui; liberal democracy.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 MARIÁTEGUI E O SOCIALISMO INDO-AMERICANO: UMA INTRODUÇÃO .</b>	<b>17</b>
<b>3 O MARXISMO LATINO-AMERICANO DE MARIÁTEGUI .....</b>	<b>24</b>
<b>4 REFLEXÕES SOBRE MARXISMO E ANTICOLONIALISMO NA AMÉRICA LATINA ..</b>	<b>29</b>
<b>5 O LEGADO DE MARIÁTEGUI .....</b>	<b>34</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>41</b>
<b>7 POSFÁCIO .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Embora a independência dos países latino-americanos seja frequentemente declarada nos documentos oficiais, é preciso examinar até que ponto essa independência é verdadeiramente soberana. Muitas nações continuam a enfrentar condições de subdesenvolvimento, disfarçadas sob o rótulo de independência, enquanto a realidade revela uma persistente dependência econômica e social.

A opressão capitalista afeta tanto a periferia quanto o centro do capitalismo, mas manifesta-se de maneiras distintas. Enquanto trabalhadores nos centros do capitalismo enfrentam suas próprias formas de opressão, o contexto e a intensidade diferem dos experimentados nas periferias. A questão central é: de que forma estamos realmente exercendo a nossa independência? Estamos a exercendo apenas para vender a nossa força de trabalho em condições precárias, muitas vezes completamente desprovida de qualquer direito trabalhista ou de dignidade humana, ou para enfrentar a fome? Estamos nos transformando no que Marx denominou como "exército de reserva"?

A falsa liberdade promovida pela democracia burguesa nos liberta apenas para que a própria força de trabalho se transforme em uma mercadoria. Além disso, advoga que qualquer luta por melhorias nas condições de trabalho, como a redução da jornada e o aumento dos salários, poderia levar as pessoas a abandonarem o trabalho e se tornarem desocupadas. Este discurso antigo e elitista se repete constantemente, que não se deve simplesmente "dar o peixe" — isto é, fornecer programas sociais de renda, segurança, moradia, educação e alimentação, tudo dentro da limitação dessas políticas temporárias e reformistas — mas, sim, "ensinar a pescar". No entanto, essa retórica do capital tenta persuadir que o único modelo civilizatório viável é aquele que submete a população a viver sob o constante temor de se tornar parte do exército de reserva, fazendo com que prefiram trabalhar excessivamente por pouco a não ter nada.

Esse discurso ignora o fato de que os mais ricos e seus herdeiros, que não necessitam trabalhar, se beneficiam da superexploração dos trabalhadores para desfrutar de uma vida confortável. Por que apenas alguns têm acesso a um desenvolvimento pleno? Se a riqueza fosse distribuída de maneira mais equitativa e se todos trabalhassem em

---

<sup>1</sup> Entende-se aqui o Exército Industrial de Reserva (EIR) como sendo a população trabalhadora não empregada, mas disponível para o capital. Originado pelo avanço das forças produtivas, que aumenta a relação entre meios de produção e força de trabalho, o EIR se expande com a acumulação de capital e se reduz quando ela diminui. Além dos desempregados, inclui também trabalhadores em condições precárias e subempregados.

condições justas, seria possível reduzir a jornada de trabalho e melhorar a distribuição de recursos. A atual e absurda concentração de renda e riqueza impede que a grande maioria tenha acesso ao mínimo necessário para uma vida digna, garantindo seu direito ao pão, à paz e à terra. As anotações de Marx e Engels, que juntas ficaram conhecidas como *A Ideologia Alemã*<sup>2</sup>, fazem um percurso de desmontagem das concepções idealistas da filosofia alemã e estabelecem um diálogo com o materialismo de Feuerbach. O que se evidencia em seu desenvolvimento é que, mesmo no materialismo de Feuerbach, ainda faltava uma virada de chave. Marx conclui que não são os seres humanos que fazem a história, pelo menos não até o momento, mas sim as condições estruturais que estão por trás de nós e se impõem. Para que a história seja construída pelos seres humanos, é necessário lutar contra essas estruturas, para que a história deixe de ser a história dos modos de produção e da mercadoria—ideia que atinge seu apogeu em *O Capital*<sup>3</sup>.

Portanto, há uma necessidade urgente de uma segunda independência — uma verdadeira e revolucionária — que permita a todos realizarem plenamente aquilo que faz sentido em suas vidas. Conforme descrito por Marx, essa verdadeira independência envolve a capacidade de se desenvolver integralmente e viver com dignidade e autenticidade. Para que o trabalho se torne uma expressão genuína da realização humana, é essencial romper com a lógica do capitalismo, que continua a explorar e oprimir os povos latino-americanos e do mundo todo.

[...] na sociedade comunista, em que cada um não tem uma esfera de atividade exclusiva, mas pode se aperfeiçoar no ramo que lhe agrada, a sociedade regulamenta a produção geral, o que cria para mim a possibilidade de hoje fazer uma coisa, amanhã outra, caçar de manhã, pescar na parte da tarde, cuidar do gado ao anoitecer, fazer crítica após as refeições, a meu bel-prazer, sem nunca me tornar caçador, pescador ou crítico. (ENGELS E MARX, 2001, p. 28-29)

Para construir essa sociedade mais justa e comum, justifica-se que, hoje na América Latina e no mundo, cada vez mais pensadores e pensadoras se debruçam sobre essa questão, analisando-a criticamente e propondo formas de romper com as nossas amarras. Na América Latina, dada a especificidade da dependência econômica e social, a figura do peruano José Carlos Mariátegui La Chira destaca-se como uma

<sup>2</sup> Para mais informações ver: **Marx e Engels: A Ideologia Alemã**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/index.htm#tn2>>. Acesso em: 24 set. 2024.

<sup>3</sup> Para mais informações ver: **O Capital - Crítica da Economia Política**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/index.htm>>.

referência fundamental. Como observa Michel Löwy, renomado pensador marxista brasileiro, “José Carlos Mariátegui é não somente o mais importante e inventivo dos marxistas latino-americanos, mas também um pensador cuja obra, por sua força e originalidade, tem um significado universal” (LÖWY, 2005, p. 7).

O mito<sup>4</sup>, que serve como epígrafe deste trabalho, é o que nos mobiliza enquanto classe. Mesmo que possamos parecer pequenos diante dos que detêm o poder, somos a maioria. Se estivermos unidos e mobilizados pelo mito e pela construção heroica de uma sociedade comum, certamente alcançaremos a vitória.

A partir disso, Mariátegui compreende a heterogeneidade dos sujeitos oprimidos e propõe a articulação entre o movimento operário, as lutas camponesas, indígenas, estudantis e a luta das mulheres. Um exemplo significativo pode ser encontrado nos artigos *As Reivindicações Feministas* e *A Mulher e a Política* (1924), que se destacam pela sua inovação no contexto da época. A radicalização teórica de nosso autor se acentua durante seu período de exílio na Itália, e a atualidade de seu pensamento não decorre de magia ou adivinhação, mas da aplicação do método do materialismo histórico-dialético, que conferiu precisão e relevância às suas análises. Mesmo após deixar fisicamente o Peru, ele mantém uma presença significativa na cena política do país por meio de correspondências com colegas e da continuidade da publicação de seus trabalhos.

O <sup>5</sup>Amauta se torna um correspondente radical dos movimentos peruanos, e suas ideias continuam a exercer uma influência significativa no pensamento latino-americano. As impressões digitais de seu pensamento permanecem evidentes na análise contemporânea, onde ainda não se observa uma verdadeira liberdade para escolher entre alternativas concretas. Em vez disso, há apenas a utopia de um horizonte infinito dentro do que é humanamente possível, um horizonte que só pode ser alcançado quando somos verdadeiramente livres e independentes. Embora o estudo das classes sociais, da economia política e dos sistemas de exploração que subjagam os povos do mundo seja frequentemente considerado ultrapassado dentro da academia, sua relevância persiste enquanto a ditadura do capital e a divisão entre classes continuarem. Perdeu o prestígio, mas não a sua validade.

A verdade não pode ser uma propriedade privada registrada em cartório; seu critério é a prática social. A pós-modernidade desvaloriza e distorce o conceito de

---

<sup>4</sup> **OBRAS COMPLETAS DE JOSE CARLOS MARIATEGUI.** Disponível em: <[https://www.marxists.org/espanol/mariateg/oc/el\\_alma\\_matinal/paginas/el%20mito%20y%20el%20hombre.htm](https://www.marxists.org/espanol/mariateg/oc/el_alma_matinal/paginas/el%20mito%20y%20el%20hombre.htm)>.

<sup>5</sup> Mariátegui foi apelidado de "Amauta" pelo nome da revista que ele próprio fundou em 1926. Amauta (amawt'a) é uma palavra que vem do quéchua, a língua dos povos incas, e significa "mestre" ou "sábio".

verdade, reduzindo-a a uma mera representação subjetiva. Sob essa perspectiva, cada indivíduo constrói sua própria verdade, muitas vezes como um escudo para justificar discursos enganosos e dissimulados. No entanto, defendemos, à luz do materialismo histórico-dialético, que a verdade deve ser compreendida como uma construção factual e não meramente representativa. O pensamento marxista contribui significativamente para essa compreensão, pois oferece uma filosofia abrangente que vai além de suas raízes originais ou interpretações iniciais, interagindo com diversas áreas do pensamento, como a política, a ética, a teoria do conhecimento, a estética e outras. Ela demonstra que a história é mutável e viva, e nossa capacidade de nos humanizar está intrinsicamente ligada à construção de uma nova sociedade comum, comunitária e comunista. Essa sociedade deve ser pautada não pelo mérito ou pela competitividade, mas pelo reconhecimento e pela solidariedade entre os indivíduos. É fundamentada no mito da emancipação social e na utopia de acreditar na liberdade e na justiça.

O novo ser humano defendido por Marx e Mariátegui deve ter a oportunidade de alcançar seu estado mais pleno, encontrando prazer e dignidade no trabalho e no desenvolvimento de suas aptidões.

Contudo, nosso desenvolvimento frequentemente enfrenta crises, conforme antecipado pela teoria marxiana. O capitalismo está intrinsecamente associado à crise, sendo esta um elemento constitutivo do sistema. O desenvolvimento social evidencia claramente a acumulação de capital em contraste com a crescente pauperização das camadas menos favorecidas. Portanto, é preciso abordar a verdade não apenas como uma representação, mas como um processo factual que reflete as realidades materiais e as dinâmicas sociais. O reducionismo imposto por críticos e alguns estudiosos deve ser rejeitado, e as caricaturas que distorcem essas ideias devem ser desafiadas. A tarefa de estudar e transformar a sociedade burguesa não foi obra de um único indivíduo, mas sim de pensadores como Marx, Engels, Rosa Luxemburgo, Mariátegui, e continua a ser um dever das gerações atuais e futuras. A partir desse método, é essencial desvelar a aparência de independência e liberdade para revelar a verdadeira essência da dependência e da repressão.

A defesa do marxismo não é uma palavra de ordem vazia, mas a afirmação de uma nova cosmovisão, mais rica e menos empobrecida pela alienação e pela dominação. Devemos continuar a cultivar o ódio contra o imperialismo todos os dias, até que esse seja superado, e dedicar-nos à construção de uma justiça social plena, dia após dia. Este trabalho visa contribuir para a reflexão sobre uma verdadeira independência,

utilizando o pensamento de Mariátegui como base de estudo. Nosso objetivo não é esgotar o tema, mas dar visibilidade a ele e oferecer, no que é possível neste espaço, algo que possa ser relevante em outros contextos de luta. Pretendemos atuar como uma semente em meio a muitos outros esforços, buscando estimular e aprofundar a compreensão sobre este tema, que só será efetivamente superado com a superação do próprio capitalismo.

## 2 MARIÁTEGUI E O SOCIALISMO INDO-AMERICANO: UMA INTRODUÇÃO

José Carlos Mariátegui La Chira nasceu em Moquegua, Peru, em 14 de junho de 1894. Desde jovem, enfrentou problemas de saúde que se agravaram após um acidente escolar aos 8 anos, o que o impediu de continuar os estudos formais e o deixou acamado para tratamento das lesões por um longo período. Apesar dessas dificuldades, Mariátegui demonstrou uma capacidade notável como autodidata. Herdando apenas os livros deixados por seu pai, que abandonou sua mãe e os seus irmãos, ele estudou francês e outros idiomas por conta própria.

Mesmo com a sua saúde debilitada e a perna prejudicada pelo acidente, Mariátegui não se deixou abater. Em 1909, aos 15 anos, iniciou sua carreira jornalística no jornal *La Prensa*, inicialmente como entregador e linotipista. Posteriormente, começou a formular artigos, um dos quais foi aceito pelo editor, permitindo-lhe ingressar na redação do jornal. A partir desse momento, ele se desenvolveu cada vez mais como escritor.

Em 1916, tornou-se redator-chefe e cronista político do jornal *El Tiempo*. Sob o pseudônimo de Juan Croniqueur, seus artigos e críticas satirizavam a frivolidade da sociedade limeña. Em 1918, ele fundou, junto com outros colegas, a revista *Nuestra Época*, onde expôs ainda mais a sua visão crítica que vinha se desenvolvendo.

Após o sucesso da revista, participou da criação do Comitê de Propaganda e Organização Socialista, que se transformou no primeiro Partido Socialista do Peru. Em 14 de maio de 1919, ajudou a fundar o jornal *La Razón*, o primeiro periódico independente da esquerda no país, destinado a dar voz às reivindicações operárias. No entanto, o jornal foi interrompido pelo golpe de Estado de Augusto Leguía em 4 de julho de 1919.

Em vez de ser preso, Mariátegui foi exilado na Europa, onde recebeu uma bolsa governamental sob o pretexto de ser um propagandista do Peru no exterior. Na verdade, essa benesse conciliatória ocorreu devido ao fato de ele ser parente da esposa do presidente Leguía. Além de seu tempo na Itália (entre o fim de 1919 e 1923), também conheceu outros países, como Hungria, Áustria, Tchecoslováquia, Alemanha, Suíça e França.

Durante o período em que esteve fora, especialmente na Itália, e se aproximou com mais vigor das ideias de Marx e Engels, o nosso autor percebeu o avanço do fascismo como consequência do recuo revolucionário, da falta das vanguardas revolucionárias. Ele observou que quando os mitos da democracia burguesa não mais se sustentam, as classes dominantes, como a história mostra, recorrem à violência e à

militarização. O fascismo torna-se o último recurso do capitalismo. Essa análise não apenas descreve a realidade que o peruano teorizou, mas também define muitos dos acontecimentos da nossa atual conjuntura política. Enquanto a Revolução Russa ganhava destaque, ele se alinhava ao movimento comunista italiano e se aproximava do surrealismo, estreitando laços com os marxistas italianos, incluindo Gramsci e Terracini. Em suas obras, há uma clara influência do sindicalista Georges Sorel, que vai do historicismo croceano a Marx, passando por Bergson, Gobetti e a figura de Lênin. Ao operar dentro das limitações de seu contexto, JCM<sup>6</sup> adota e desenvolve aspectos centrais da crítica de Marx à economia política. Contudo, ele também formula e refina suas próprias intuições teóricas, que se mostram consistentes, mesmo sem ter acesso às obras completas de Marx, publicadas apenas após sua morte. Mariátegui, ao reconhecer e aproveitar o que há de útil nas ideias de pensadores anteriores e de seus contemporâneos, exemplifica uma prática crítica que muitas vezes nos falta. Ele adota a postura do conhecido ditado de não jogar fora a água do banho com o bebê: mesmo ao adotar uma abordagem radical, mantém uma análise cuidadosa e detalhada, evitando a aceitação acrítica de ideias. Embora se inspire em Sorel e Marx, não os segue cegamente. Sorel, com sua ênfase na mobilização através do mito revolucionário, serve como um ponto de referência importante, mas JCM desenvolve uma proposta própria, que não se limita ao sorelismo nem ao marxismo eurocêntrico.

Quando retornou ao Peru em 1923, já casado, Mariátegui mergulhou com ainda mais afinco na vida política e se ocupou em continuar desenvolvendo e aprofundando seu incansável trabalho intelectual e teórico, escrevendo artigos sobre temas distintos, como o fascismo, o indigenismo, a literatura e a questão agrária

Em 1924, foi preso por sua participação em uma reunião com intelectuais e estudantes universitários. Sem intenção de se silenciar diante dos ataques que enfrentava, ele fundou e publicou o primeiro número da revista *Amauta* em 1926.

A revista publicou textos de autores peruanos e latino-americanos, além de escritos de figuras como Rosa Luxemburgo, Lenin, Trotsky, André Breton, Máximo Gorki, entre outros.

A revista *Amauta* representa um marco intelectual, político e cultural da época, definindo o pensamento social não apenas peruano, mas latino-americano. Ela encapsula um estado de espírito de debate intenso sobre a criação heroica do socialismo, rejeitando os valores europeus como universais. No editorial *Aniversario y Balance*, nas

---

<sup>6</sup>JCM é a abreviatura de José Carlos Mariátegui La Chira.

palavras do próprio JCM:

[...] Amauta no es una diversión ni un juego de intelectuales puros: profesa una idea histórica, confiesa una fe activa y multitudinaria, obedece a un movimiento social contemporáneo. En la lucha entre dos sistemas, entre dos ideas, no se nos ocurre sentirnos espectadores ni inventar un tercer término. La originalidad a ultranza, es una preocupación literaria y anárquica. En nuestra bandera inscribimos esta sola, sencilla y grande palabra: Socialismo. (Con este lema afirmamos nuestra absoluta independencia frente a la idea de un Partido nacionalista, pequeño burgués y demagógico.) (MARIATÉGUI, 1928, p.1-3).

Em outubro de 1928, Mariátegui fundou o Partido Socialista do Peru e o periódico comunista *Labor*, sendo eleito Secretário-Geral. No início de 1929, ajudou a organizar a Confederação Geral dos Trabalhadores do Peru. Durante esse período, enfrentava a perda da perna e se locomovia com o auxílio de uma cadeira de rodas, com a saúde bastante debilitada.

Antes de poder viajar para Buenos Aires para tratar suas lesões, Mariátegui faleceu em 16 de abril de 1930. Sua morte impediu a expansão da revista *Amauta* conforme planejado, apesar de já ter um escritório preparado na cidade.

Sua partida prematura e lamentável, aos 35 anos, deixa um legado imenso para o pensamento e para a revolução latino-americana. Ele critica a transposição teórica que não considera a interpretação das próprias realidades históricas, e é isso que busca realizar até os últimos dias de sua vida. Mantém contatos com intelectuais, literatos e políticos, e analisa o processo histórico mundial em seus textos. É um estudioso diligente e versátil.

Mariátegui posicionou seu pensamento em um momento em que o mito da democracia liberal já não se sustentava, e o discurso imperialista apoiado pelas burguesias nacionais revelava-se ineficaz. Ele rejeitou o etapismo e a aplicação automática e mecanicista do pensamento marxista. O *Amauta* argumentava que tanto a realidade peruana quanto toda a América Latina, marcada pela exploração e dependência colonial, exigiam uma abordagem marxista revolucionária adaptada às suas particularidades. Defendia uma práxis comprometida, integrando o materialismo histórico-dialético e a utopia. Para ele, esse mito era o que nos movia a construir novas formas de relações entre os seres humanos e entre o ser humano e a natureza.

Em sua época, enfrentava críticas e mentiras disseminadas pela classe dominante, incluindo falsas acusações de ser romântico e idealista. Em relação às acusações que Mariátegui enfrenta sobre seu tempo na Europa e a suposta defesa de uma teoria eurocêntrica, é importante destacar que, nos próprios escritos de Marx e Engels, há

uma atenção para questões internacionais, como a opressão dos irlandeses e a escravidão nos Estados Unidos, que foram analisadas por eles.

No entanto, ele se manteve fiel aos princípios do marxismo, que defendia como um método essencialmente dialético. Comprometido com a tese das relações materiais, dedicou-se ao estudo da formação econômico-social do Peru. Analisou a relação entre suas classes dominantes e a dinâmica internacional do capitalismo, oferecendo uma crítica fundamentada dessa realidade. Essa postura é evidente em vários de seus textos, como em *Ponto de Vista Antiimperialista*, apresentado pela delegação peruana na I Conferência Comunista Latino-Americana em Buenos Aires, junho de 1929:

[...] Para nós, o antiimperialismo não constitui nem pode constituir, sozinho, um programa político, um movimento de massas apto para a conquista do poder. O antiimperialismo, admitindo que ele pudesse mobilizar a burguesia e a pequena burguesia nacionalistas, ao lado das massas operárias e camponesas (já negamos terminantemente esta possibilidade), não anula o antagonismo entre as classes, nem suprime sua diferença de interesses. Nem a burguesia, nem a pequena burguesia no poder podem realizar uma política antiimperialista. (MARIATÉGUI, 2012, p.117).

Isso se deve ao fato, como JCM nos esclarece, de que a burguesia latino-americana se desenvolveu sob a subordinação do imperialismo e estava profundamente comprometida com a destruição de nossa identidade para atender às exigências do mercado mundial.

Após a independência formal dos países da América do Sul, a transição do colonialismo para o capitalismo dependente permitiu ao capital inglês estabelecer-se com facilidade e exercer domínio, aproveitando-se da condição econômica pré-existente que favorecia sua intervenção.

Essa dinâmica revelou a fragilidade das estruturas econômicas locais e a continuidade da exploração externa, perpetuando a dependência em relação aos interesses imperialistas. Embora essa classe dominante exerça controle sobre as classes trabalhadoras, ela própria está subordinada ao imperialismo. As burguesias nacionais, enquanto dominam localmente, permanecem submissas dentro da estrutura de poder global, não como vítimas, mas como participantes condicionadas. Alienadas por valores europeus e estadunidenses, essas burguesias carecem de um sentimento comum de identidade nacional.

Desvinculadas de suas tradições, pensamento, literatura e produção intelectual e artística, elas se afastam de uma autenticidade cultural e nacional, tornando-se meros instrumentos dos interesses externos que moldam suas ações e diretrizes.

Tentativas de conciliação já foram realizadas, e, como Mariátegui previu,

nenhum projeto nacional conciliador aliado às burguesias foi levado até suas últimas consequências.

Embora os governos populistas tenham enganado alguns, após a crise internacional de 1929, a América Latina testemunhou o surgimento de movimentos e governos populistas, como Getúlio Vargas no Brasil (1930-1945/1951-1954), Lázaro Cárdenas no México (1934-1940) e Juan Domingo Perón na Argentina (1946-1955).

Embora tenham ocorrido alguns avanços nos direitos trabalhistas e sociais, esses governos também promoveram repressão, especialmente contra o movimento operário, para afastar os trabalhadores do comunismo. A Revolução Russa de 1917 alarmou as elites, que temiam uma repetição desse fenômeno na América Latina.

Além disso, com a Segunda Guerra Mundial e a desestruturação da economia europeia, a América Latina foi instada a fornecer produtos para os países em guerra. A tentativa de industrialização levou ao aumento de cursos profissionalizantes e ao controle do movimento operário, restringindo greves e aumentando a produtividade.

Ainda que os governos populistas não tenham sido homogêneos, todos recorreram a intensa propaganda política e ao controle dos meios de comunicação. Foram marcados pela demagogia e pela falsa impressão de que os direitos conquistados eram tudo o que a classe trabalhadora poderia obter, induzindo-a a se contentar com isso.

Durante o Estado Novo no Brasil, Getúlio Vargas perseguiu sindicatos, movimentos populares, comunistas e anarquistas. Estabeleceu uma máquina de tortura sob a direção de Filinto Müller, chefe da polícia política, conhecido pelo tratamento cruel aos prisioneiros e pelas prisões arbitrárias, abusando do poder.

Na historiografia, esses governos são às vezes classificados como nacional-populares, recebendo um balanço positivo por suas medidas e pelo papel que desempenharam no desenvolvimento das economias latino-americanas frente ao imperialismo europeu e norte-americano. (SILVA, 2021)<sup>7</sup>

No entanto, desde o período abordado até o presente, nossas economias continuam a ser impedidas de se desenvolver livre e soberanamente. Apesar dos esforços, somos frequentemente tratados como meras colônias e periferias do capitalismo, sustentando os grandes centros com nosso trabalho e suor. Mesmo quando a classe trabalhadora conquista algumas vitórias, muitas vezes graças a levantes populares e

---

<sup>7</sup> Para mais informações acerca do populismo na América, consultar: ANPHLAC - Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas. Material de apoio didático - América Independente: O Populismo na América Latina - Apresentação. Disponível em: [https://www.anphlac.org/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=533](https://www.anphlac.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=533).

movimentos sociais, as mudanças são limitadas e destinadas a conter greves e mobilizações trabalhistas. Em momentos de crise, essas conquistas são frequentemente revertidas, revelando a verdadeira face repressiva do capitalismo, que se manifesta por meio do fascismo.

Por isso, a memória e o pensamento de JCM justificam ainda mais a necessidade de uma ruptura total com a ordem social vigente, adotando uma postura revolucionária como única possibilidade. Nosso autor rejeitava migalhas e condenava o reformismo e os discursos etapistas. Ele reconhecia que, entre os diversos povos latino-americanos, existe uma construção comum de identidade e uma mútua identificação, manifestadas nas similaridades nas formas de exploração, nas histórias e nas configurações culturais e religiosas. Essas semelhanças abrem amplas possibilidades para a unidade entre esses povos. A construção da Pátria Grande latino-americana deve ser, e precisa ser, popular, radical, socialista e, por conseguinte, anti-burguesa.

Sua breve e efervescente passagem por este mundo deixou um legado de profunda relevância que requer atenção constante para evitar o esquecimento. Sem um entendimento sólido do passado, um povo está condenado a repetir seus erros, e preservar esse conhecimento é essencial para manter nossa identidade viva. No Brasil, é crucial resgatar esse legado e superar o atraso acadêmico na pesquisa sobre o pensamento mariáteguiano. Embora Mariátegui não se encaixasse no perfil acadêmico tradicional, sua obra se destaca por sua acessibilidade, mantendo um rigor teórico, filosófico e histórico notável.

Os *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana*, a obra mais célebre de JCM, originalmente publicada em 1928 e traduzida para diversos idiomas, só foi lançada no Brasil quase meio século depois. Esta edição, que conta com um prólogo de Florestan Fernandes, marcou a introdução do Amauta no cenário brasileiro, evidenciando sua criatividade e profundidade. No entanto, o pensamento do nosso autor, rico em múltiplas facetas, ainda guarda vastos territórios a serem explorados. Sua obra continua a inspirar novas análises e interpretações, oferecendo uma riqueza teórica que desafia e enriquece a compreensão das realidades sociais e históricas. A recepção tardia e fragmentada de suas obras no Brasil, seguida pela ampliação de seu reconhecimento a partir de 1956, sublinha a necessidade de revisitar e integrar suas ideias na atual construção do marxismo.

### 3 O MARXISMO LATINO-AMERICANO DE MARIÁTEGUI

Mariátegui é reconhecido como o pioneiro na reflexão profunda e de alta qualidade sobre a aplicação do marxismo na realidade da América Latina. Sua estadia na Itália, longe de o afastar de sua identidade latino-americana e peruana, fortaleceu seu compromisso com a luta nacional e com a causa internacional da libertação dos trabalhadores e oprimidos. Para ele, essa luta transcende fronteiras, acolhendo diferenças, mas unindo-se na resistência contra a exploração e na busca do direito universal à liberdade humana.

Em sua defesa, Mariátegui sustentava que a classe operária e o campesinato peruano, predominantemente indígena, deveriam se unir na luta revolucionária. Para ele, a questão indígena não era secundária, mas central, ressaltando que a solidariedade entre trabalhadores urbanos e indígenas era elementar. Essa não era uma questão de "salvar" os indígenas, mas de construir uma aliança igualitária e justa. (MARIÁTEGUI, 1928)<sup>8</sup>

Firmemente contrário ao discurso hegemônico e racista que considerava os povos originários como biologicamente inferiores, Mariátegui argumentava que essas alegações não tinham fundamento. A verdadeira origem das mazelas atribuídas aos indígenas era a exploração e a distorção imposta pela colonização. A narrativa colonial, que os apresentava como menos civilizados, ocultava e distorcia suas cosmovisões, que frequentemente demonstravam avanços significativos em termos de cooperação, coletividade e sustentabilidade.

A originalidade e a profundidade de pensamento do Amauta são evidentes quando comparamos suas ideias com os debates contemporâneos na antropologia e nas ciências humanas, que têm avançado no estudo dos povos originários. Atribuir aos indígenas a responsabilidade de corrigir os danos causados pelos colonizadores é um erro grave que ignora a riqueza de sua construção ética, política, cultural e filosófica, reduzindo-os a uma perspectiva espiritualista inadequada.

JCM também desafiou a proposta de alguns setores da Internacional Comunista de criar nações separadas para os povos indígenas. Em vez disso, ele acreditava na potencialidade da cooperação entre diferentes povos como meio para revelar e validar outras cosmovisões.

---

<sup>8</sup> **7 Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana**. Disponível em: <[https://www.marxists.org/espanol/mariateg/oc/7\\_ensayos/index.htm](https://www.marxists.org/espanol/mariateg/oc/7_ensayos/index.htm)>. Acesso em: 25 set. 2024.

Quando Mariátegui descreve o Peru como tendo uma economia de caráter feudal e ao fazer uso do termo feudalidade, ele se refere a uma forma pré-capitalista profundamente alterada pela colonização. A introdução do trabalho escravo, inicialmente dos povos indígenas e, posteriormente, dos africanos, moldou essa estrutura. Mesmo sob uma aparente estrutura capitalista, os latifúndios persistem em práticas de exploração que conservam características feudais devido a esses legados históricos.

A crítica do autor à elite criolla é incisiva. Ele acusa essa classe de renegar suas origens e de se distanciar das comunidades que explora. Para Mariátegui, a solução para os problemas estruturais peruanos reside no protagonismo indígena. Já em 1926, ele antevia a necessidade de conceder voz aos subalternos, não para falar por eles, mas para reconhecer a importância de seu papel na construção do socialismo.

Sua análise vai além das abordagens anteriores, como a de González Prada, que, apesar de destacar a conexão entre raça e a questão agrária, adotava uma perspectiva liberal-radical, sem a profundidade da análise marxista. JCM oferece uma compreensão materialista e histórica das raízes econômicas e sociais da questão agrária no Peru, demonstrando como a concentração de terra, um resquício colonial, contribuiu para o domínio do imperialismo nos países coloniais e semicoloniais.

Embora tenha enfrentado críticas pelo uso do conceito de feudalismo — que, para seu tempo, era o mais adequado — sua análise vanguardista desmonta argumentos racistas e étnicos que carecem de fundamentação científica, evidenciando uma abordagem profunda e original da evolução dos diferentes povos. O termo "feudalismo", com sua polissemia conceitual, é frequentemente mal interpretado, como ocorre não apenas na obra de Mariátegui, mas também na análise de Frantz Fanon sobre a Argélia, onde ele menciona resquícios feudais. Essas tensões e debates são naturais para um autor que explorou uma vasta gama de temas e que escreveu com uma visão avançada e precursora para seu tempo. No entanto, isso não diminui a seriedade e a profundidade de seu pensamento. É primário abordar suas obras com a devida contextualização, reconhecendo que, embora tenha escrito para sua época, muitas de suas ideias permanecem extremamente pertinentes nos dias de hoje.

Os debates historiográficos recentes reconhecem que o conceito de feudalismo carrega múltiplos significados dentro da teoria política, refletindo as complexidades das realidades socioeconômicas em diferentes contextos históricos.

Nesse contexto, argumenta-se que, sem uma nova cosmovisão, não é possível evitar os enganos associados à conciliação, uma vez que todas as medidas

adotadas sob tais regimes são frequentemente transitórias e podem ser rapidamente revertidas. A recente experiência no Brasil ilustra essa dinâmica: se as mudanças fossem verdadeiramente permanentes na estrutura social, econômica e política, o bolsonarismo não teria conseguido despojar o povo de seus direitos e dignidade. A falta de uma resistência revolucionária, conforme destacado por JCM, facilitou o avanço do fascismo no passado e contribui hoje para o surgimento de formas políticas semelhantes. Isso força que os partidos de esquerda transcendam suas diferenças e se unam em uma frente ampla para alcançar vitórias dentro da democracia liberal.

A eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018 no Brasil ilustra o retorno ao fascismo mais primitivo e hostil. Em contrapartida, em 2024, a França testemunhou um avanço significativo da esquerda com a formação de um bloco progressista que derrotou a extrema-direita. A união de cinco partidos de esquerda franceses conquistou 182 assentos, enquanto a extrema-direita, representada por três partidos, obteve 143. Sem dúvida, essas "vitórias" são temporárias e, sem uma mudança estrutural profunda, podem apenas adiar o inevitável retorno da extrema-direita. Ainda observamos exemplos de transformação política, como a eleição de Luís Inácio Lula da Silva em 2022, frequentemente mal compreendida como uma manifestação comunista. Embora seus governos anteriores tenham se caracterizado por uma abordagem conciliatória entre classes, priorizando programas sociais e políticas públicas, essas conquistas foram rapidamente desmontadas, principalmente durante a administração de Bolsonaro. Essa reviravolta indica a ineficácia das reformas superficiais e evidencia a fragilidade das mudanças que não enfrentam as formações profundas de poder e exploração.

Por um lado, é compreensível que uma parte significativa do proletariado perceba em Lula uma figura que trouxe melhorias substanciais para sua qualidade de vida, incluindo avanços na educação básica e superior, acesso à moradia própria e a expansão dos programas sociais. Essas conquistas, de fato, marcaram os governos do Partido dos Trabalhadores (PT). No entanto, ao se analisar o contexto total, observa-se que a classe trabalhadora foi a menos favorecida. Setores da burguesia e das classes dominantes, como grandes bancos e monopólios do agronegócio, obtiveram lucros expressivos durante esses mandatos.

Essa realidade ilustra a impossibilidade de um governo que se pretenda do povo beneficiar verdadeiramente a classe que está essencialmente distante de seus interesses fundamentais e que, na prática, se beneficia da manutenção da pauperização da classe trabalhadora. A narrativa criada por alguns setores da classe média, que pinta

Lula como um símbolo do "comunismo", serve meramente como uma cortina de fumaça. Na verdade, as classes burguesas sabem que foi exatamente durante a gestão petista que elas conseguiram acumular ainda mais riqueza. Esse ponto é amplamente discutido em estudos críticos e de economia política realizados durante e após os governos de Lula e Dilma Rousseff.

Um exemplo significativo é o trabalho de Armando Boito Jr., em *A Burguesia no Governo Lula*. Nesse estudo, Boito Jr. argumenta o seguinte:

[...] Mas o Governo Lula está comprometido inteiramente com o grande capital e quem ascendeu politicamente sob esse governo foi a grande burguesia interna industrial e agrária. Cabe observar então, em primeiro lugar, que os interesses e objetivos que essa fração burguesa tem vocalizado na cena política não apontam para nenhum modelo econômico no qual os interesses dos trabalhadores possam encontrar um espaço importante. (BOITO JR, 2006, p. 260).

Portanto, o verdadeiro respeito pelos direitos do povo ainda é uma aspiração distante. Todos esses investimentos são quase risíveis perto do que se paga e se pagou ao capital parasitário e aos rentistas brasileiros. A revolução defendida por JCM é aquela que não se contenta com essas que são reformas superficiais, mas que confronta as injustiças do imperialismo e do colonialismo. E é isso que essa mudança traz: torna todos os sujeitos de direito. A própria forma jurídica só existe nessa dinâmica, como apontado por Engels e Marx — principalmente em *O Socialismo Jurídico* e *O Capital*. Nesse sentido, a luta por mais direitos, embora válida e necessária enquanto estamos inseridos no capitalismo, não rompe com o sistema. Não estamos dizendo que recusamos ser exauridos; apenas afirmamos que a classe dominante pode continuar a ter seus direitos, enquanto pedimos uma migalha a mais no direito que temos de vender a nossa força de trabalho.

Sua análise, inspirada por Lênin, defende um internacionalismo que reconhece a complexidade das relações de poder entre nações. Mariátegui se opõe à visão acadêmica e dogmática, favorecendo uma práxis revolucionária. Dessa forma, como bem observou JCM, a política de concessões e apaziguamento serve apenas para neutralizar as aspirações revolucionárias. E em sua rejeição, ele não só condena alianças com grandes latifundiários e burguesias nacionais, que hoje encontramos representados pelo agronegócio e pelas corporações que promovem uma diversidade superficial e tratam os trabalhadores como colaboradores, e não como explorados. As novas formas de opressão não devem ser aceitas; o direito à dignidade é e sempre será inegociável. Este pensamento, amplamente defendido pelo Amauta, revela a magnitude e a relevância contínua de suas contribuições para a interpretação da realidade e para a transformação total por meio da práxis revolucionária.

O colonialismo e o capitalismo, ao empobrecer e devastar as cosmovisões indígenas e revolucionárias, buscam perpetuar um modelo nocivo de relações produtivas, espirituais e familiares. É contra esse retrocesso e essa violência que este trabalho se levanta.

#### 4 REFLEXÕES SOBRE MARXISMO E ANTICOLONIALISMO NA AMÉRICA LATINA

Para uma breve recordação do histórico do colonialismo, podemos dividi-lo entre o colonialismo clássico, iniciado no século XV, com Espanha e Portugal como precursores na colonização das Américas. Esse período deu início a um processo violento de dizimação e exploração, caracterizado pela escravização e pelo extermínio, que estabeleceu uma rede interconectada em um sistema global.

A desumanização das populações colonizadas foi sustentada inicialmente por argumentos teológicos e teorias científicas de inferioridade racial. Um marco significativo na evolução desse colonialismo foi a Revolução Industrial no século XIX, que promoveu a transição para o que hoje chamamos de imperialismo, intensificando ainda mais a exploração.

Em contrapartida, o marxismo passou a ter mais contato com a América Latina no final do século XIX, com grande participação inicial de imigrantes europeus e a construção dos primeiros partidos socialistas, que, nesse período, estavam alinhados com a Segunda Internacional Comunista. Antes de Mariátegui, figuras como Juan B. Justo e Luís Recabarren marcaram o pioneirismo na divulgação do pensamento marxista.

Com as mudanças desse colonialismo e sua reinvenção a partir do neocolonialismo, o avanço do neoliberalismo no capitalismo apresenta novos desafios e formas de exploração. O objetivo não é apenas enfrentar mais uma crise ou reformar essa estrutura, mas sim superar sua existência para permitir o surgimento de um sistema mais justo e ético. O liberalismo, antes da Revolução Francesa, possuía ao menos um caráter de novidade, representando a luta contra o absolutismo e a ascensão da burguesia. Em contrapartida, o que chamamos de neoliberalismo, apesar de seu prefixo "novo", não traz realmente inovações; é, na verdade, um conservadorismo político e ideológico que se manifesta em seu caráter reacionário. Agora, todas as suas investidas são em nome da privatização, negando o horror colonial e inserindo-se em um processo sanguinário de contenção das lutas e das movimentações revolucionárias da classe proletária. (LOSURDO, 2006)<sup>9</sup>

A ética contra esse avanço, deve ser uma escolha política, tanto individual quanto coletiva, comprometida com a compreensão de que, enquanto houver um explorado, nenhum de nós será verdadeiramente livre. Dentro da perspectiva marxista e latino-americana, essa ética exclui o individualismo e promove a identificação com todos os

---

<sup>9</sup> Para ver mais consultar a obra de Domenico Losurdo **Contra-história do Liberalismo**

oprimidos da terra.

O capitalismo enfrenta crises constantes, mas essas crises, por si só, não geram a revolução social. É necessário organizar uma força social significativa para superar esse sistema. Nossa participação nesse processo revolucionário, de diversas formas, é determinante para garantir seu sucesso.

A visão heterodoxa de JCM, frequentemente criticada e desacreditada, foi fundamental para a força de sua teoria. Ela não é menos marxista ou rigorosa; apenas reconhece que não há um protocolo ideal para toda realidade. As dimensões e diferenças devem ser consideradas ao aplicar os conceitos e métodos marxistas. A postura radical, que rejeita a conciliação e defende o socialismo, deve adaptar-se às diversidades e especificidades locais, sendo anti-imperialista, anticolonial e internacionalista.

Devemos continuar a partir das bases e métodos deixados por Marx, mas também pensar em novas estratégias políticas adequadas à nossa conjuntura. O colonialismo continua a se reinventar. Se antes a justificativa era a de civilizar povos considerados bárbaros, hoje a invasão se disfarça em princípios de democracia, liberdade e direitos humanos. Anticolonialistas são rotulados como ditadores, enquanto heróis hollywoodianos são mobilizados para “salvar” essas nações. O que realmente ocorre é uma interferência no processo democrático desses países, ignorando sua autonomia e impondo violentamente uma moral universal. O racismo, antes utilizado para desumanizar, agora se manifesta no plano político-cultural, atribuindo a inferioridade àqueles que não respeitam os valores ocidentais. Além dos golpes de Estado, ocorrem bloqueios econômicos e tentativas recorrentes de desestabilização de governos de esquerda e progressistas. Esse domínio, embora atualizado e adaptado às novas tecnologias, mantém sua essência: a definição de quem é plenamente humano e digno de direitos. O que realmente se impõe é a morte e a fome, sustentadas pelo interesse na expropriação desses territórios. Nem sempre são as guerras mais evidentes que sustentam o neocolonialismo. Muitas vezes, são as negociações internacionais onde grandes impérios, por meio de ameaças e bloqueios, exercem pressão, utilizando o medo da penúria para manter os povos sob sua dominação. Um exemplo é o caso dos Estados Unidos, que impõem sanções severas a Cuba para impedir sua sobrevivência e desenvolvimento. Apesar das adversidades, Cuba resiste. O capitalismo continua a se expandir por meio do colonialismo, agora com novas formas e disfarces. (LOSURDO, 2020)<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Ver mais em **Colonialismo e luta anticolonial** de Domenico Losurdo

O colonialismo cultural é também uma faceta do capitalismo dependente que vivenciamos, manifestando-se nas formas de vestir, alimentar, nas expressões artísticas, nas ciências humanas e na produção científica, subordinando a América Latina ao mercado mundial. O capitalismo e o colonialismo impactam o ser humano desde a infância, impondo a repressão de sua verdadeira essência e a subordinação para garantir sua sobrevivência e aceitação. Muitos de nós podem viver e morrer sem jamais descobrir o pleno potencial que poderíamos ter alcançado na ausência dessas opressões. Todavia, Persiste uma revolta contínua para explorar e realizar esse potencial, constituindo um compromisso ético tanto da nossa geração quanto das que viram importante o movimento de criar condições que favoreçam o desenvolvimento dessas ideias.

Uma vez que a moral cristã, ao reprimir as sexualidades e promover um modelo familiar idealizado e uniforme, marginaliza o diferente e o diverso. Ela se refugia em uma fachada de aparências e nega o que considera vergonhoso. Essa ilusão, que ignora os limites da razão e condena o sensível, enfraquece a humanidade, impedindo-a de formar identidades autênticas. O excesso de pudor restringe a capacidade do ser humano de se desenvolver livremente.

Por isso, não é à toa que a investigação e o trabalho dos intelectuais revolucionários se dedicam a resgatar, recriar e fomentar nossa própria estética, cultivando essa memória a partir da perspectiva da classe trabalhadora. A ferida colonial, que se configura hoje como uma política de Estado, continua a sangrar a cada esforço de cicatrização. A cura dessa ferida não deve fazer com que a cicatriz desapareça, mas deve ser forjada popularmente, para que nunca esqueçamos de nossa origem e rumo como sociedade. A postura anticolonial é central para garantir que essa memória persista, desestabilizando o mesmo terror colonial que opera com novas estratégias.

É nossa tarefa desnaturalizar os processos estruturados pela violência, frequentemente apresentados como eventos naturais e inevitáveis. Devemos reconhecer que a violência colonial e a exploração não surgem de forma espontânea; não foram sempre assim e não precisam continuar sendo. Elas são o resultado de ações humanas e construções sociais e, assim como foram estabelecidas, podem ser desmanteladas e substituídas por novas interpretações.

O trabalho de base e a consciência de classe precisam ser expandidos para que possamos imaginar e construir um futuro livre dessas opressões. Essa defesa deve ser permanente; independentemente das novas modas de pensamento, lutar por um mundo

melhor nunca deve ser motivo de vergonha. Mesmo dentro das academias, onde essa defesa pode parecer absurda e ultrapassada, rejeitamos a superficialidade de trabalhos que, sem compromisso, buscam apenas mostrar erudição. No teatro acadêmico, esse ar blasé de indiferença e a falta de comprometimento com as questões sociais refletem uma neutralidade que serve apenas aos que escrevem para si e para seu pequeno grupo. Aqui, fazemos o movimento oposto: buscamos um engajamento profundo e autêntico com as lutas que nos cercam, desafiando essa indiferença e reafirmando nosso compromisso com a transformação social. Essa é uma resistência contra a superficialidade e uma afirmação de que o conhecimento deve ser uma ferramenta de luta e não um privilégio. As lutas de classe, sustentadas pela filosofia da prática, mostram que a história é um campo de disputa contínua que abrange passado, presente e futuro. Não podemos permitir que os injustiçados permaneçam em silêncio enquanto a justiça não é realizada. Mesmo aqueles que já não têm voz, devemos dar a eles as nossas, amplificando suas narrativas e reivindicações. No cenário político atual, o termo "comunista" tem sido amplamente distorcido e utilizado para desqualificar qualquer pensamento que se afaste das perspectivas da direita e da extrema-direita. Essa manipulação não apenas esvazia o significado original da palavra, mas também desvirtua a luta histórica e o propósito do comunismo.

Por isso, façamos o movimento de resgatar o verdadeiro sentido do comunismo e sua relevância no contexto contemporâneo, alinhando-nos ao pensamento de Mariátegui, que abordou e defendeu a sua ideologia com honestidade e firmeza. A atual visão caricatural do comunismo é alimentada por uma narrativa que usa o medo e a confusão para desviar a atenção das verdadeiras injustiças enfrentadas pela classe trabalhadora. O conceito de "fantasma do comunismo" é manipulado para criar uma atmosfera de temor, desviando o foco das reais injustiças perpetradas pela classe burguesa. Esse medo fabricado precisa ser substituído por uma compreensão clara e fundamentada das intenções e objetivos comunistas. A tarefa não é apenas desmistificar o termo, mas demonstrar como o comunismo pode oferecer soluções práticas e eficazes para a desigualdade e a exploração.

O verdadeiro medo deve ser direcionado contra a classe burguesa, que se beneficia da exploração e utiliza o comunismo como um fantasma para instigar delírios coletivos. Nossa organização deve transformar esse medo fictício em uma realidade palpável de resistência e mobilização, demonstrando a capacidade do movimento comunista de efetuar mudanças concretas e significativas. Ao construir alianças e dialogar

com as preocupações legítimas da população, podemos dismantelar os mitos que cercam a ideologia e revelar seu verdadeiro potencial transformador.

Este texto não é um mero exercício de propaganda, mas um compromisso sério com os princípios do anticolonialismo e do anti-imperialismo. As páginas seguintes são uma homenagem ao sangue e ao suor derramados pelos explorados da América Latina e do mundo. Nosso objetivo é expor a verdade por trás das injustiças, não apenas para informar, mas para agitar e mobilizar. A classe trabalhadora já conhece as dificuldades e a luta por melhores condições como parte de sua rotina diária. Portanto, nosso esforço é ir além do reconhecimento dessas dificuldades, oferecendo uma análise das causas e dinâmicas que perpetuam o status quo. Compreender a raiz das opressões é o primeiro passo para dismantelá-las e construir um futuro mais justo e igualitário.

O Manifesto do Partido Comunista<sup>11</sup>, elaborado por Marx e Engels em 1847, foi um marco na formulação de um programa proletário, destacando a importância de adaptar as táticas às particularidades de cada contexto histórico e social. Assim como no passado, hoje é essencial analisar as especificidades da nossa própria situação para definir estratégias eficazes. A máxima “só a luta muda a vida” não é apenas uma característica do movimento comunista, mas a força motriz que pode transformar a realidade.

Nosso compromisso com essa máxima exige um esforço contínuo para converter o pensamento em ação e a ação em mudanças reais. Ao resgatar e reafirmar o verdadeiro espírito do comunismo, buscamos uma transformação que transcenda o imediato e vise uma justiça social duradoura. Este trabalho, assim como o manifesto, é uma chamada à ação, um convite para que todos aqueles que desejam um mundo mais justo e equitativo se unam na luta e no estudo contra a exploração e a injustiça, com vigor e clareza. É através dessa união e mobilização que podemos reverter o estado atual e construir um futuro que respeite a dignidade de todos.

---

<sup>11</sup> Ver mais em **Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em:  
<<https://www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista/index.htm>>.

## 5 O LEGADO DE MARIÁTEGUI

O Amauta revelou as limitações das concepções idealistas e positivistas, evidenciando suas insuficiências teóricas. Assim como Marx revelou as falhas do pensamento social através da ideologia, Darwin desafiou as visões estáticas com sua teoria da evolução, Copérnico desbancou a Terra como centro do universo, e Freud explorou as profundezas da sexualidade e da repressão, todos esses pensadores realizaram uma "revolução copernicana" no campo ideológico. Eles desmistificaram e desconstituíram posições de superioridade anteriormente aceitas, desnudaram as frágeis e narcisistas ideias nas quais a humanidade tem sustentado e construído sua sociedade. (MARIÁTEGUI, 1974)<sup>12</sup>

Neste cenário, é fundamental que continuemos a promover revoluções do pensamento. Os intelectuais têm a responsabilidade de desafiar e expor aqueles que perpetuam a violência colonial, forçando suas ideias ultrapassadas a recuarem para as sombras da vergonha. De tal sorte, o legado de Mariátegui se destaca, especialmente ao abordar a questão educacional. Ele defende com vigor o acesso à educação para os povos indígenas e para as mulheres, o que é de suma importância.

Além disso, é crucial lembrar que, após a independência do Peru em 1821, consolidada em 1824 com a Batalha de Ayacucho, a primeira Constituição da República excluía da cidadania aqueles que não possuíam uma profissão ou não eram alfabetizados.

Ainda mais detalhadamente sobre a questão feminista, em suas palavras:

A medida que o sistema coletivista substitua o individualista, decairão o luxo e a elegância feminina. A humanidade perderá alguns mamíferos de luxo; mas ganhará muitas mulheres. Os trajes da mulher do futuro serão menos caros e suntuosos; mas a condição dessa mulher será mais digna. E o eixo da vida feminina se deslocará do individual ao social. A moda não consistirá em uma imitação moderna Mme. Pompadour vestida por Paquín. Consistirá, talvez, numa imitação de Mme. Kollontai. Uma mulher, em suma, custará menos, mas valerá mais. (MARIÁTEGUI, 1924.n.p).

Além da participação de várias pensadoras mulheres que abordavam a questão feminina e outras questões diversas nas páginas da revista *Amauta*, os próprios escritos de José Carlos Mariátegui revelam que a questão da mulher fazia parte da questão humana e que os revolucionários não podiam dela se eximir. Ele afirmava que não seria possível pensar em revolução sem engajar-se na luta pela igualdade de gênero. Nosso

---

<sup>12</sup> **OBRAS COMPLETAS DE JOSE CARLOS MARIATEGUI.** Disponível em: <[https://www.marxists.org/espanol/mariateg/oc/defensa\\_del\\_marxismo/paginas/x.htm](https://www.marxists.org/espanol/mariateg/oc/defensa_del_marxismo/paginas/x.htm)>. Acesso em: 25 set. 2024.

autor como vimos, criticava a preocupação de que a mulher perderia sua "feminilidade" — um conceito que sabemos ser uma imposição que relegava a mulher a um papel de submissão e inferioridade.

JCM descarta a ideia de que as mulheres são intelectualmente inferiores, assim como as futilidades frequentemente atribuídas à figura feminina e aos trejeitos socialmente aceitos. A ênfase nessa transformação da imagem da mulher, como vimos em seu artigo, é significativa: passamos da concepção de uma figura performática e feminilizada para a de uma mulher revolucionária. Essa nova representação não se limita ao espaço privado; pelo contrário, ela se manifesta publicamente, erguendo as baionetas em favor da emancipação do proletariado e reafirmando o papel preponderante das mulheres na luta por justiça social e igualdade.

Ao destacar o papel da Revolução Russa e da nova sociedade comunista, ele menciona figuras importantes da revolução, como Alexandra Kollontay, Angélica Balabanoff e Nádía Krúpskaia. Estas revolucionárias e teóricas comunistas contribuíram significativamente, e Mariátegui abre espaço para citá-las em vários de seus escritos. Embora ele tenha dedicado poucos números especificamente a essa questão, sua postura e conhecimento sobre o tema merecem destaque.

Não parece que Mariátegui adote a abordagem observada em pensadores mais recentes e contemporâneos, onde a luta feminina e a presença das mulheres na academia e na política são muitas vezes consideradas inferiores ou mencionadas de forma forçada para evitar críticas. A nova era do cancelamento e o medo de parecer politicamente incorreto têm levado a uma menção superficial dessas questões, muitas vezes por mera formalidade e para seguir a cartilha da inclusão. Em contraste, o pensamento mariateguiano revela um engajamento genuíno com a problemática de gênero, algo que, na sua época, não era exigido da mesma forma que é hoje.

Ademais, diversos movimentos sociais, estudantis e juventudes comunistas e socialistas no Brasil destacam que a revolução e o marxismo na América Latina devem ser moldados pelas nossas próprias ações e realidades locais. Termos como "socialismo verde e amarelo", evocando as cores da bandeira brasileira, surgem para expressar a ideia de uma revolução adaptada às especificidades locais e à práxis concreta. Essa abordagem, embora possa parecer óbvia ou repetitiva, reflete uma ideia que já havia sido postulada por Mariátegui. A influência de seu pensamento é claramente visível nos discursos e nas mobilizações atuais, mesmo que seu nome não seja sempre mencionado. A força e a atualidade de suas ideias permeiam as ruas e praças, e a mobilização de

diversos setores da esquerda evidencia a relevância contínua de suas contribuições para a teoria e a prática revolucionária.

Ainda em uma carta datada de 10 de janeiro de 1927, enviada por José Carlos Mariátegui a Enrique Espinoza (pseudônimo do escritor Samuel Glusberg), diretor da revista argentina *La Vida Literaria*, Mariátegui relata em suas *Notas Autobiográficas*:

[...] Matriculei-me em Letras em Lima, mas com o único interesse de acompanhar o curso de latim de um sábio agostiniano. E na Europa frequentei alguns cursos livremente, mas decidido a nunca perder meu caráter extrauniversitário e talvez até antiuniversitário. (MARIÁTEGUI, 1927, n.p).

O Amauta destaca sua trajetória autodidata e ressalta seu caráter extrauniversitário, talvez até considerando-o um antiuniversitário. Contudo, essa posição não deve ser interpretada como uma rejeição ao papel da universidade na educação e nas lutas de classes. Mariátegui criticava a decadência e a elitização das instituições acadêmicas, um problema que ainda persiste, com a crescente exclusão da classe trabalhadora do ambiente acadêmico. Tanto estava comprometido com essa mudança educacional que participa de várias conferências em universidades para falar e relatar a questão mundial e é um apoiador dos movimentos estudantis pela reforma universitária iniciada na Argentina.

Sua crítica não se voltava contra a universidade em si, mas contra uma educação que considerava antipopular e burguesa, desprovida de senso crítico e alheia à revolução social. Assim, ele via o caráter extrauniversitário como uma forma de evidenciar que a construção do conhecimento deve transcender o meio acadêmico tradicional.

A verdadeira transformação social não pode depender apenas de um espaço acadêmico que se distancia do povo. O elogio ao caráter extrauniversitário destaca que a construção do conhecimento pode e deve acontecer fora da academia, pois esta, sozinha, não será suficiente para transformar nossas condições.

A educação de qualidade, frequentemente defendida até pelos neoliberais, só será alcançada quando deixar de ser uma mercadoria a serviço dos interesses da classe dominante. Assim, a verdadeira educação deve ser popular, pública e soberana, alinhada aos princípios que as constituições democráticas burguesas prometem, mas frequentemente falham em cumprir. Hoje, a universidade se torna uma máquina de transformar saberes em mercadoria, com trabalhos acadêmicos perdendo-se em burocracias técnicas e formalidades, dificultando a compreensão do pensamento original daqueles que são chamados de pesquisadores. A academia acaba formando especialistas em citações e normas, em vez de estimular reflexões autônomas e originais.

Muitos trabalhos se tornam uma mera repetição de pensamentos alheios, utilizando citações extensas para mascarar a falta de habilidade em estabelecer argumentos próprios.

Mariátegui, com sua trajetória e vivências, compreendeu que a construção do conhecimento ocorre fora dos espaços formais e dedicou-se a temas da educação de forma acessível e popular. Para esclarecer, essa não é uma crítica ao uso de referências teóricas nem à exigência de que se faça sempre uma afirmação nova ou inédita em tudo que se escreve (mesmo a que faço não tem esse caráter). Trata-se, na verdade, de questionar a onda de relativismos absolutos que permeia a produção das ciências humanas e da filosofia.

Sua crítica à academia não é uma rejeição à educação, mas um chamado para que ela seja verdadeiramente engajada com as necessidades e a transformação social, em vez de se restringir a uma mera reprodução de conhecimento técnico e especializado. A leitura do real ainda preserva uma abordagem marxista, como exemplificado pelo trabalho de JCM.

O que fez é uma apreensão crítica e criativa do método, adaptando-o à nossa materialidade específica e à sua totalidade real. Unindo vida e obra, teoria e práxis, o nosso autor transformou sua casa em um espaço aberto ao debate, reunindo-se diariamente com camaradas, trabalhadores e outros militantes, dedicando-se intensamente à escrita.

Sua pressa e inquietude, hoje aparentemente em falta, são registradas também em suas *Notas*<sup>13</sup>. Certamente, Mariátegui é uma figura de espelho para aqueles que buscam pensar e transformar a realidade de forma objetiva.

Em diversos relatos, entrevistas e documentos contidos no Arquivo Digital José Carlos Mariátegui<sup>14</sup>, a práxis do autor é evidenciada nos testemunhos de sua companheira, Anna Chiappe. Desde sua chegada à Itália até após a morte de Mariátegui, Chiappe manteve-se ao seu lado, dedicando-se a publicar e promover sua obra, além de divulgar seu caráter. Em suas entrevistas, Anna revela não apenas aspectos da vida pública de Mariátegui, mas também sua sensibilidade na vida privada.

Ela fala das visitas diárias à casa da família e da relação afetiva com os

---

<sup>13</sup> **Notas autobiográficas.** Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/mariategui/1927/01/10.htm>>. Acesso em: 25 set. 2024.

<sup>14</sup> Para mais informações documentais e relatos de entrevistas com Anna Chiappe e os filhos de JCM, consultar: ADMIN. **Início - Arquivo José Carlos Mariategui.** Disponível em: <<https://www.mariategui.org>>. Acesso em: 18 set. 2024.

filhos, oferecendo uma visão íntima e pessoal do homem por trás do pensador. Ainda em seus relatos, é possível observar a contínua perseguição política que, mesmo após a morte do Amauta, a polícia invadia ocasionalmente seu escritório. Quando sua companheira conseguia recuperar os documentos, frequentemente constatava que alguns escritos e documentos estavam desaparecidos.

Esse aspecto de sua vida cotidiana merece ênfase, pois reflete diretamente em seu pensamento e na construção de sua obra como pensador. Mariátegui, além de seu papel como cronista, possuía uma sensibilidade e um humor crítico e ácido que lhe permitiam investigar e refletir sobre as questões da vida cotidiana. Ele abordava com a mesma profundidade as questões que, à primeira vista, poderiam parecer banais e corriqueiras.

Além de já termos mencionado que Mariátegui abordou uma variedade de temas e aplicou sua análise crítica em diferentes campos, suas reflexões continuam relevantes para o nosso tempo. Ele explorou aspectos como o carnaval, as festas e suas representações, além das transformações da sociedade e da moda. Esses elementos, que à primeira vista podem parecer banais, carregam significados profundos que só aqueles que observam atentamente o mundo conseguem compreender. Essa sensibilidade e atenção aos detalhes são evidentes em seus escritos.

Em seu artigo para a *Mundial*, intitulado *Serpentinas*, Mariátegui analisa aspectos e mudanças na celebração do carnaval. Em suas palavras:

[...] Si un traje de la corte de Luis XV es, en nuestro tiempo, un traje de carnaval, una idea de la corte de Luis XV debe ser también una idea de carnaval. ¿Por qué si se admite que han envejecido los trajes de una época, no se admite igualmente que han envejecido sus ideas y sus instituciones? La equivalencia histórica de una enagua de Madame Pompadour y una opinión de Luis XV me parece absoluta. (La influencia de Oswald Spengler es extraña a este juicio). (MARIÁTEGUI, 1925, n.p).

De maneira perspicaz, Mariátegui nos questiona sobre o motivo pelo qual satirizamos e brincamos de carnaval com figuras históricas como Luís XV, enquanto enfrentamos uma terrível impossibilidade de superar as ideias e instituições que ele defendia. Em suas análises, ele sugere que essas ideias também devem ser transcendidas e substituídas por outras. A discussão que ele faz acerca da tradição parece particularmente válida e relevante para compreender essas questões:

[...] Porque a tradição é, ao contrário do que desejam os tradicionalistas, viva e móvel. Ela é criada por aqueles que a negam para renová-la e enriquecê-la. Ela é morta por aqueles que a querem morta e fixa, prolongamento de um passado em um presente sem força, para nele incorporar seu espírito e nele colocar seu sangue. (MARIÁTEGUI, 1927, n.p)

Em *Heterodoxia da Tradição*, Mariátegui argumenta que a tradição deve ser reconhecida como viva e mutável, e não restringida aos termos dos tradicionalistas. Ele sustenta que os revolucionários não podem ignorar a história, agindo como se tudo tivesse que começar do zero. Reconhecer as forças históricas e as tradições é requerido. Mariátegui destaca que as formas de organização dos povos indígenas peruanos eram, em muitos aspectos, mais ricas e humanas do que a civilização dominante e a farsa representada pela democracia burguesa. Ele valoriza o poder da memória e da tradição, desafiando o uso conservador dessas ideias, mas afirmando que a tradição deve ser uma base para a transformação e a disputa ideológica, e não um obstáculo à inovação e ao progresso social. As experiências e lutas do passado podem se unir às reivindicações e à revolução presente, criando uma continuidade que fortalece a ação coletiva e enriquece as novas formas de resistência.

Essa abordagem é um caminho para a retomada e a revitalização dos conceitos e termos que foram sequestrados pela classe dominante. Como JCM apontou, a tradição precisa ser recuperada e dissociada da interpretação tradicionalista, reconhecendo a vitalidade desse fenômeno.

No Brasil, por exemplo, a chamada "família tradicional brasileira" é frequentemente usada como uma máscara para moralidade e bons costumes, encobrindo uma essência violenta e patriarcal, marcada pela violência sistemática contra mulheres e crianças, traições e mentiras. Esse modelo de família é uma construção excludente e conservadora, amplamente defendida por bancadas religiosas, especialmente evangélicas, que se opõem à chamada "ideologia de gênero" e atacam a laicidade do Estado com discursos homofóbicos e fetichistas. Ao mesmo tempo, frequentemente vemos esses mesmos defensores da tradição em escândalos públicos, como pastores envolvidos em casos homoafetivos secretos.

Essa tradição morta precisa ser abandonada, substituindo-a por uma visão de família que não se baseie em interesses econômicos e na reprodução da sociedade existente, mas que seja conectada pela tradição do amor, da responsabilidade e do reconhecimento mútuo. Isso pode incluir famílias compostas por uma mãe, dois pais, duas mães, ou qualquer outra configuração, desde que se alinhe com a ideia subversiva de uma família que cria sentido e valor.

Por muito tempo, a extrema direita no Brasil apropriou-se da bandeira e das camisetas verdes e amarelas, símbolos nacionais, para promover suas ideias conservadoras. Recentemente, a esquerda tem tentado resgatar o significado desses símbolos, dando-lhes uma nova representação, alinhada ao socialismo verde e amarelo, substituindo a tradição do ódio por uma tradição de inclusão e solidariedade.

Dentro do marxismo latino-americano, momentos marcantes incluem a Revolução Cubana de 1959, que inaugurou um novo período crítico no pensamento social da região. Esse evento serviu de farol para muitos outros levantes, revitalizando ideais revolucionários. O pensamento mariáteguiano, em particular, foi incorporado e recuperado pela Revolução, especialmente por figuras como Ernesto Che Guevara, que encontrou inspiração nas ideias de Mariátegui para moldar suas estratégias e abordagens.

A apropriação do seu pensamento pode ser observada em uma série de movimentos e tensões de um pensador marcado pela heterodoxia e pela incorporação de diferentes fontes que serviram de modelo. Além de Sorel, outros autores próximos a Mariátegui são também relevantes. Em suas obras, ele destaca conexões que vão de Nietzsche a Freud, sempre buscando estabelecer laços com suas próprias perspectivas. Isso possibilita novas abordagens acadêmicas, construídas a partir de sua defesa da paixão e da fé supra-humana na mobilização das vanguardas revolucionárias e no enfrentamento do fascismo.

Parte do legado de JCM é sua teimosia e recusa ao estereótipo de pensador associado à tradição platônica de uma racionalidade exacerbada e à demonização do corpo e do sensível. Ele se distancia, também, de uma abordagem marxista que se limita a um único tema ou frente de ação. Essa pluralidade torna seus escritos extremamente valiosos. Mariátegui aplica o método marxista de forma exemplar, não inserindo nada artificialmente em seu objeto de estudo, mas extraindo dele reflexões profundas e sofisticadas, que abrangem a complexidade da realidade social e cultural.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, fica evidente que a independência formal e os discursos associados a ela não apagam as lutas pela necessidade do marxismo anticolonial. Os acertos e os erros sempre existirão na prática; a diferença está nas formas como erramos e na continuidade da construção, defesa e análise crítica da realidade.

A dependência persiste — seja ela econômica, social ou do pensamento. É a existência forçada de muitos a condição para que um pequeno grupo continue a desfrutar da liberdade, à custa do sangue, suor e linfa do povo.

O colonialismo, em suas novas facetas e roupagens, apresenta-se agora de maneira aparentemente menos violenta, mas igualmente sorrateira. Aqueles que se levantam contra essa dominação são muitas vezes rotulados como terroristas, justificando, assim, ações violentas contra eles. A mudança na tática e na argumentação colonial, embora disfarçada, preserva sua essência vil. Por isso, a vigilância é condição necessária; esses processos mais silenciosos e a pretensa cessão — essa fachada da liberdade formal — nos impedem de perceber as correntes que ainda pesam sobre nossos pés. É essa pré-história que resulta em uma subindependência e subsoberania, das quais devemos nos libertar em sua plenitude.

Para que a luta anticolonial seja eficaz, é indispensável considerar suas particularidades dentro de cada região. A defesa de JCM sobre a solidariedade entre os povos e entre os trabalhadores transcende as aparências de diferenças e divisões, unindo-nos por nossas condições históricas e culturais comuns. Essa solidariedade e o respeito mútuo entre o campo e a cidade, entre trabalhadores urbanos e rurais, e os povos indígenas são as bases sólidas dessa luta.

A construção ideológica midiática de Hollywood, que propaga a ideia de que o mundo será salvo por heróis, é, sem dúvida, uma ilusão. Se existem heróis, não são as figuras caricatas da propaganda, mas sim as mulheres e os homens que se levantam, que, por meio da crítica e da prática social, buscam transformar o mundo em um lugar de mais justiça.

A revolução e a luta anticolonial no âmbito do marxismo são árduas em sua construção. No dia seguinte à revolução, nos períodos de transição, os problemas e contradições não desaparecem magicamente; ao contrário, continuam a existir. Somente por meio da reconstrução e da análise do movimento da realidade poderemos, finalmente, fazer com que a humanidade deixe sua pré-história para contar e viver plenamente a história que lhe interessa.

Todos esses processos são de longa duração, e por isso justifica-se que nos alimentemos de fontes como o pensamento mariateguiano, marxiano, e o marxismo latino-americano e anticolonial. Um estudo sistemático e a continuidade desses pensamentos garantem que essa fonte não se esgote, permitindo-nos amadurecer intelectualmente para esse combate.

Essa luta, como demonstrado, é radical, uma vez que exige uma transformação profunda na forma como a sociedade está organizada. É, portanto, uma luta organizada e revolucionária que busca superar todas as formas de exploração em suas diversas fases. Desse modo, para Mariátegui, a revolução socialista é uma condição necessária. Quando esses sujeitos, ainda que heterogêneos, se juntam, mesmo em condições que não eram exatamente pré-revolucionárias, como era o caso do Peru em seu tempo, para o nosso autor essa é, e parece continuar sendo, a possibilidade mais viável para que a independência deixe de ser apenas teoria e discurso, tornando-se prática, vida e atitudes.

O avanço dos governos conservadores representa um desafio que se multiplica, intensificado pela precarização da vida dos trabalhadores e pela destruição da identidade de classe. Esse fascismo cíclico se reinventa, aproveitando-se do recuo da esquerda revolucionária. Assim, o papel da consciência de classe e da organização das massas é prioritário no enfrentamento do conservadorismo e o retrocesso, sendo essencial para reconstruir solidariedades e mobilizações que enfrentem essa realidade.

A defesa da atualidade dessas ideias é válida tanto ontem quanto hoje, assim como no dia em que foram escritas. Se continuamos a observar a perpetuação do mesmo modo de dominação em diferentes lugares, é impossível que nossas colocações e análises sobre o mundo apresentem algo de diferente. Mesmo que as táticas mudem, é um compromisso continuar falando até que essa dominação seja superada.

Ao ler essas obras, não devemos nos perguntar se um pensamento é mais válido que outro, mas sim superar os critérios de mensuração que definem o que é bom ou não, validando ou invalidando ideias a partir de um critério eurocêntrico e acadêmico excludente. A revolução concreta e real vai além do teatro acadêmico e das críticas que se afastam da prática.

É justo entender nossos autores dentro de seus contextos de formação. Mesmo diante de discordâncias, devemos reconhecer suas virtudes. Antes de exigirmos notas e explicações conceituais — o que é válido —, é importante lembrar que muitos desses pensadores eram militantes ativos. Muitos, como o próprio Mariátegui, foram

perseguidos mesmo após sua morte, e não tinham tanto tempo para elaborar notas explicativas enquanto lidavam com a opressão e o exílio.

Dialogar com a forma de pensamento promovida por Mariátegui é uma maneira de preservar e aproveitar o legado que ele nos deixou. Trata-se de romper com a invisibilização e, a partir dos movimentos e da universidade, expressar não apenas como os ilustrados o que é melhor para a classe trabalhadora, mas fazer dela a protagonista, contribuindo para que a teoria tenha um caráter popular, voltado para nossos povos originários e para todos aqueles que sofrem com a pauperização, o massacre colonial e a negação de sua existência.

Esse caráter de uma teoria e prática popular busca uma aliança e uma frente que abracem e acolham, dando protagonismo aos excluídos. Assim, eles poderão falar por si mesmos, utilizando nossas vozes quando necessário para amplificar suas reivindicações e, dessa forma, se perceberem e se transformarem de maneira autônoma.

A máxima da tese onze de Marx permanece sempre atual e bela, repleta da paixão que, sem dúvida, é vital para a luta. “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo.” Essas palavras são armas críticas na batalha das ideias.

## 7 POSFÁCIO

Em minha monografia, busquei explorar e ressaltar algumas das contribuições mais significativas de José Carlos Mariátegui, defendendo a relevância de seu pensamento, especialmente no contexto da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. É, de fato, surpreendente e controverso que, em uma universidade comprometida com a integração e a valorização da identidade latino-americana, a figura de Mariátegui seja tão pouco conhecida ou reivindicada. JCM não é apenas um pensador marxista; ele desempenha um papel crucial na crítica social e histórica com suas ações e ideias. A ausência de pesquisas e o desconhecimento de sua obra por parte de grande parte do corpo docente e discente representam uma falha significativa no compromisso com a integração e a recuperação das figuras históricas importantes da nossa região.

No âmbito do curso de Filosofia, essa lacuna também é evidente, embora um recente trabalho defendido por Rodrigo Lenharo Perin<sup>15</sup> tenha feito um esforço valioso ao abordar o pensamento de Mariátegui. Embora a monografia de Perin não trate especificamente do nosso autor, oferece uma contribuição significativa para o pensamento anticolonial e dedica algumas páginas à análise do Amauta.

Apesar da existência de alguns trabalhos esparsos, a presença do pensamento mariateguiano na universidade ainda é muito limitada. Em um contexto pós-moderno, onde se afirma que certas teorias foram superadas, é lamentável questionar a relevância de Mariátegui e Marx, conforme mencionado na introdução e defesa deste estudo. Muitas críticas são facilmente refutáveis e, ironicamente, frequentemente feitas por indivíduos que parecem nunca ter lido sequer uma página desses pensamentos.

Por isso, o caminho aqui traçado é o de defender essas tradições, à luz do pensamento mariateguiano, para recuperar e valorizar essas ideias. Em tempos em que se busca um referencial sob o falso pretexto de que tudo está superado, esta monografia procura oferecer uma base sólida de reflexão.

Se pouco muda na realidade e os problemas permanecem os mesmos, não há como alterar o discurso sem antes superar essa mesma realidade. No contexto atual, a exploração e o colonialismo se manifestam de formas tão cruéis e sutis que, muitas vezes, não percebemos o impacto que têm sobre nossos corpos, mentes e relações. O cansaço

---

<sup>15</sup> PERIN, R. L. **A subjetividade latino americana como um engendramento ideológico da colonização**. Disponível em: <<https://dspace.unila.edu.br/items/dc6299a9-e36e-4686-84d9-53e672614684/full>>. Acesso em: 25 set. 2024.

constante e a competição exacerbada, alimentados pelo capital, nos fazem esquecer o que nos une e acentuam o que nos separa, distorcendo nossa compreensão do próprio ser e do nosso lugar no mundo. A defesa da propriedade privada é inquestionável, enquanto a vida é considerada de valor secundário.

Como escreveu e refletiu incansavelmente o Amauta, é apenas por meio do estudo, da teoria e, acima de tudo, da prática revolucionária que podemos enfrentar nossa condição e os problemas emergentes diante do avanço do capitalismo tardio e da crise climática.

O Manifesto Comunista, de Marx e Engels, previu que as crises e contradições do sistema capitalista poderiam resultar em duas possibilidades: a extinção da burguesia enquanto classe e a vitória do proletariado, a partir de sua organização coletiva, ou a extinção da vida como a conhecemos. O Manifesto não apenas afirma a inevitabilidade do socialismo, mas também deixa claro que as crises e contradições não devem levar ao desespero diante da dominação da classe burguesa e do capital. Em vez disso, é a luta que garantirá o avanço. Assim, como Marx e Engels apontaram, a escolha que se apresenta é inevitavelmente entre socialismo ou barbárie.

[...] Numa fase superior da sociedade comunista, quando tiver sido eliminada a subordinação escravizadora dos indivíduos à divisão do trabalho e, com ela, a oposição entre trabalho intelectual e manual; quando o trabalho tiver deixado de ser mero meio de vida e tiver se tornado a primeira necessidade vital; quando, juntamente com o desenvolvimento multifacetado dos indivíduos, suas forças produtivas também tiverem crescido e todas as fontes da riqueza coletiva jorrarem em abundância, apenas então o estreito horizonte jurídico burguês poderá ser plenamente superado e a sociedade poderá escrever em sua bandeira: "De cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades. (MARX, 2012, p. 31-2).

Este trabalho não é de alguém que se posiciona distante da classe trabalhadora e do povo latino-americano, com uma postura de pesquisa acadêmica descomprometida. Por isso, aqui, sem medo de afastar-se da lógica da produção acadêmica convencional e, se necessário, aceitando ser vista como menos acadêmica, mas não menos rigorosa no compromisso com a divulgação do pensamento e na prática da autonomia intelectual.

Atualmente, a crise econômica e ecológica evidencia uma crescente desigualdade: os ricos tornam-se cada vez mais ricos, enquanto os pobres enfrentam uma pobreza cada vez mais profunda. Estudar e retomar o passado, portanto, é crucial para a defesa da transformação social.

Os avanços dentro da ordem burguesa, como as ações de governos populistas conciliadores e outras tentativas não revolucionárias, devem ser vistos como meros curativos temporários. Essas medidas, semelhantes a um esparadrapo colocado em uma ferida grave, podem oferecer alívio momentâneo, mas não curam a ferida profunda. A classe trabalhadora, que sangra na metáfora da jugular perfurada, só terá a verdadeira cura através das lutas de classes e da consequente vitória do proletariado.

Nosso compromisso deve ser total — com a mente, o coração e as mãos — para construir e orientar um novo mundo a partir da crítica do nosso tempo. Devemos eliminar a distância entre a classe trabalhadora e sua percepção de si mesma, para que possa se entender e agir de acordo com essa compreensão. Enquanto discursos da extrema-direita afirmam que nossa bandeira jamais será vermelha, é importante lembrar que ela já é vermelha, marcada por aquilo que nos une: o nosso sangue. A bandeira do Brasil, e por extensão de toda a América Latina, é vermelha do sangue indígena, quilombola, da favela, do negro e das mulheres.

Se hoje, em nome do lucro, respiramos fumaça tóxica e somos intoxicados, isso confirma o que foi afirmado desde o princípio: o capitalismo já esgotou qualquer possibilidade civilizatória, qualquer avanço, mesmo dentro de suas limitações. A velha história de "socialismo ou barbárie" é mais do que uma previsão; ela já se concretizou, e a barbárie está em curso. Resta, portanto, a construção do socialismo, um socialismo que deve ser contextualizado na América Latina, adaptando-se às nossas realidades e desafios específicos.

Aqui, pode-se traçar um paralelo com um mito da mitologia grega: Midas, um rei obcecado pelo ouro, recebe o poder de transformar tudo o que toca em ouro. No entanto, esse desejo se torna uma maldição quando Midas percebe que seu dom o impede de desfrutar dos prazeres simples da vida, como comer e beber, e até transforma sua filha em ouro. Desesperado, ele implora a Baco, o deus do vinho, que o liberte dessa maldição. Baco lhe revela que a água do rio Pactolo pode reverter o toque do ouro. Midas mergulha tudo o que tocou no rio e consegue recuperar sua filha e os objetos transformados em ouro.

Esse mito oferece uma analogia pertinente aos recentes acontecimentos da crise. O agronegócio brasileiro e os grandes latifundiários, em sua busca desenfreada por lucro, cobrem o país de fumaça e fogo, como se realizassem um desejo semelhante ao de Midas. No entanto, ignoram que o ar poluído e a destruição ambiental afetam não apenas a classe trabalhadora, os trabalhadores rurais, os indígenas, os camponeses e os movimentos pela reforma agrária, mas também seus próprios filhos, mães e esposas. Eles

mesmos se intoxicam em nome do lucro e da brutal acumulação de riqueza.

Somente quando esses sujeitos, como Midas, perceberem que a classe que exploram é tão humana quanto eles, e que o ar que poluem também os afeta, a realidade se tornará clara. Nesse momento, a intoxicação provocada pela exploração desenfreada revelará a verdade. O passo necessário, portanto, é abandonar a idealização cristã do perdão e o fetiche da não-violência, permitindo que a classe exploradora se extinga enquanto tal, sufocada por suas próprias ações.

## REFERÊNCIAS

- AGGIO, Alberto. **O pensamento político de Mariátegui**. In: Política Democrática. Revista de Política e Cultura. Nº 12, ano V, Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2005.
- ALIMONDA, Héctor. **José Carlos Mariátegui**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ANDERSON, Kevin. **Marx nas margens: nacionalismo, etnia e sociedades não ocidentais**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ARRUDA, Pedro Fassoni. **Capitalismo dependente e relações de poder no Brasil: 1889-1930**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- ARICÓ, José. **Mariátegui e o surgimento do marxismo latino-americano**. In: HOBBSAWN, Eric (org.). **História do Marxismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 447-459.
- BAMBIRRA, Vânia. **Capitalismo dependente latino-americano**. Florianópolis: Editora Insular, 2014.
- BORON, A. et al. **A teoria marxista hoje**. São Paulo: Expressão Popular/Clacso, 2007.
- BRUCKMANN, Mônica. **Dialética e imprensa revolucionária em José Carlos Mariátegui**. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) — IFCS/UFRJ, 2006.
- CABRAL, A. **A arma da teoria**. Vol. I. Lisboa: Seara Nova, 1978.
- Carta para Joseph Bloch. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1890/09/22.htm>. Acesso em: 2 out. 2024.
- ENGELS, Friedrich; KAUTSKY, Karl. **O socialismo jurídico**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ESCORSIM, Leila. **Mariátegui: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**. São Paulo: Globo, 2008.
- FERNANDES, Florestan. **Significado atual de José Carlos Mariátegui**. Princípios, n. 35, 1994-1995.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- GRESPLAN, Jorge. **A crise de sobreacumulação**. Crítica Marxista, São Paulo: Ed. Unesp, n. 29, 2009, p. 11-17.
- GRESPLAN, Jorge. **Marx e a Crítica do Modo de Representação Capitalista**. São Paulo: Boitempo, 2019.

GUERRA, Martín. **“La política revolucionaria de José Carlos Mariátegui y su contribución a la crítica socialista”**. In: **Mariátegui. La escena contemporánea**. Caracas: El Perro y la Rana, 2010.

LÖWY, Michel. **Método dialético e teoria política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

LÖWY, Michael (org.). **O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013. v. 2.

LOSURDO, Domenico. **Colonialismo e luta anticolonial: desafios da revolução no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2020.

LOSURDO, Domenico. **Contra-História do Liberalismo**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

LOSURDO, Domenico. **Liberalismo: entre civilização e barbárie**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

LOSURDO, Domenico. **Luta de classes: uma história política e filosófica**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Defesa do marxismo, polémica revolucionária e outros escritos**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoje**. Lima: Biblioteca Amauta, 1970.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **El hombre y el mito**. 7. ed. Lima: Empresa Editora Amauta, 1970.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **“Punto de vista antiimperialista” [1929]**. In: LÖWY, M. (org.). **El marxismo en América Latina**. Ciudad de México: Era, 1980.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Peruanicemos al Perú**. In: **Obras completas, v. 11**. Lima: Biblioteca Amauta, 1986.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana**. Lima: Biblioteca Amauta, 2002 [1928].

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Tesis ideológicas: El problema de las razas en la América Latina**. In: **Obras completas, v. 13**. Lima: Biblioteca Amauta, 1986.

MARTINS-FONTES, L. Yuri. **Marx na América: a práxis de Caio Prado e Mariátegui**. São Paulo: Alameda/Fapesp, 2018.

MASCARO, Alysson Leandro. **Estado e forma-política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

MARX, Karl. **Crítica do programa de Gotha**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. **A miséria da filosofia**. São Paulo: Global Editora, 1985.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. **Sobre o processo de trabalho: El capital, Livro 1**. pp. 131-136. 1970, p. 57 e ss.

MELIS, Antonio. **José Carlos Mariátegui hacia el siglo XXI**. São Paulo: Depto. de Letras Modernas da FFLCH-USP, 1996.

MELIS, Antonio. **Mariátegui, el primer marxista de América**. In: ARICÓ, J. (org.). **Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano**. México D.F.: Siglo XXI, 1978.

OBANDO, M. Octavio. **Ordenamento cronológico de las Obras completas populares de J. C. Mariátegui**. Lima: Espigón, 1999. Disponível em: <[www.archivochile.com](http://www.archivochile.com)>.

OBRAS COMPLETAS DE JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI. Disponível em: [https://www.marxists.org/espanol/mariateg/oc/temas\\_de\\_educacion/paginas/la%20mujer%20y%20la%20politica.htm](https://www.marxists.org/espanol/mariateg/oc/temas_de_educacion/paginas/la%20mujer%20y%20la%20politica.htm). Acesso em: 2 out. 2024.

OBRAS COMPLETAS DE JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI. Disponível em: [https://www.marxists.org/espanol/mariateg/oc/la\\_novela\\_y\\_la\\_vida/paginas/serpentinah.htm](https://www.marxists.org/espanol/mariateg/oc/la_novela_y_la_vida/paginas/serpentinah.htm). Acesso em: 2 out. 2024.

PERICÁS, Luiz Bernardo. “**José Carlos Mariátegui e o Brasil**”. Estudos Avançados, São Paulo, USP, v. 24, n. 68, 2010, p. 335-361.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A revolução brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

QUIJANO, Aníbal. “**José Carlos Mariátegui: reencuentro y debate**”. In: **Mariátegui. Siete ensayos**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2007.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **De Marx al marxismo en América Latina**. Cidade do México: Itaca, 2012.

SHAIKH, Anwar. **Exército industrial de reserva**. In: BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

SODRÉ, N. W. **História da burguesia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

SODRÉ, N. W. **Quem é o povo no Brasil?** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

WILHELM, L. **Mariátegui: uma biografia**. Rio de Janeiro: Editora Nossa Cultura, 1982.